



UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA APRENDIZAGEM
INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE

MILMAR DE PAULA HAUN TEIXEIRA

O VÍNCULO AFETIVO COMO POTÊNCIA
NA CONSTRUÇÃO DE APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS

SALVADOR – BA
2018

MILMAR DE PAULA HAUN TEIXEIRA

**O VÍNCULO AFETIVO COMO POTÊNCIA
NA CONSTRUÇÃO DE APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientador: Prof. Dr. José Teixeira Neto

**SALVADOR – BA
2018**

Não cabe dúvida de que o cérebro necessita do abraço para seu desenvolvimento, e as mais importantes estruturas cognitivas dependem desse alimento afetivo para alcançar um nível adequado de competência. (...) Sem aconchego afetivo o cérebro não pode alcançar seus ápices mais elevados na aventura do conhecimento. (...)

Luís Carlos Restrepo

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo ser uma reflexão sobre a importância da afetividade na relação professor/aluno, proporcionando aprendizagens significativas. O professor amoroso tende a conseguir implicar seus alunos a serem os maiores interessados na aquisição de aprendizagens, a serem protagonistas na construção do conhecimento e formação do sujeito, suscita o desejo de aprender, desperta o sabor de saber. Uma acolhida carinhosa, um gesto de valorização, um olhar de aprovação, pode desencadear no aluno uma potência propulsora que o levará a superar seus limites. Não é possível falar em educação se esta linguagem não for pautada no amor e nos valores que promovam a dignidade da pessoa como ser humano. Foi extremamente gratificante constatar o progresso e o desenvolvimento de um aluno com múltiplas questões cognitivas que dificultavam sua aprendizagem, e como muitos caminhos se abriram, através da afetividade, para que conseguisse aprender a ler e escrever, passando a se sentir incluído e valorizado como pessoa.

Palavras-chave: Afetividade, Desejo, Aprendizagem

ABSTRACT

The present work aims at being a reflection on the importance of affectivity in the teacher/student relationship, providing meaningful learning. The loving teacher tends to be able to involve their students to be the most interested in learning acquisition, to be protagonists in the construction of knowledge and formation, to give rise to the desire to learn and awakens the will of knowledge. A warm welcome, an appreciation gesture, an approvement look, can trigger a propelling power that can lead the student to overcome their limits. It is not possible to speak in education if this language is not based on love and values that promotes the dignity of the person as a human being. It was extremely gratifying to note the progress and development of a student with multiple cognitive issues that made learning difficult, and how many paths were opened through affectivity so that he could learn to read and write, creating an inclusive environment and valued as a person.

Keywords: Affectivity, Desire, Learning

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PEC	Projeto Educativo Comum
PPP	Projeto Político Pedagógico
RJE	Rede Jesuíta de Educação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE	9
1.2	O PROFESSOR AMOROSO.....	11
1.3	JUSTIFICATIVA.....	12
1.4	PROBLEMA	13
1.5	OBJETIVOS.....	13
1.5.1	Objetivo Geral	13
1.5.2	Objetivos Específicos.....	14
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
3	METODOLOGIA	16
3.1	AFETOS E CONQUISTAS – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	16
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
	REFERÊNCIAS	24
	APÊNDICE 1 – Atividade realizada no início do ano letivo	26
	APÊNDICE 2 – Atividade alfabetizadora.....	27
	APÊNDICE 3 –Atividade alfabetizadora.....	28
	APÊNDICE 4 – Atividade de contagem	29
	APÊNDICE 5 – Exemplo de atividade que Pedro realizava no computador	30
	APÊNDICE 6 – Atividade realizada no II semestre do ano letivo.....	31

1 INTRODUÇÃO

“Encontrei a minha definição de mim mesmo: “Eu tenho um caso de amor com a vida...”

Rubem Alves

Trabalho na área de educação há quase 30 anos e sou apaixonada pelo que faço. Gosto de gente. Gosto de estar com as pessoas, de conversar, ouvir suas histórias, acolher suas fragilidades. Gosto imensamente de conviver com crianças. Elas são o que de melhor pode existir na humanidade. São alegres espontâneas, são puras e autênticas de sentimentos. Gosto de brincar, desfrutar o encantamento que elas têm pelas coisas mais simples e também as mais importantes da vida, de ouvir suas explicações e sua lógica para explicar o inexplicável. O ser humano, como obra prima da criação, é o material que move meus desejos e afetos. Toda a beleza que nele contém, promove os mais belos sons, as mais magníficas paisagens na minha alma, quanto mais as crianças! Cada criança que passa por minhas mãos é sagrada. Ser professora, principalmente das séries iniciais, é uma missão de grande responsabilidade. Por isso mesmo, sou incansável na busca de estratégias que possam me ajudar nesta tarefa grandiosa. A espontaneidade e criatividade das crianças não pode ser bloqueada. Pelo contrário, deve ser estimulada para florescer no tempo certo, dar os frutos, atingir a plenitude de sua humanidade.

Mas, neste caminho, muitos obstáculos vão surgindo: uma escola que não acompanha o ritmo frenético do mundo em constante transformação, salas de aula e planejamentos sem a ludicidade necessária para encantar as crianças. Além disso, famílias em conflito, colegas de profissão desgastados pelas demandas surgidas em muitos anos de trabalho, luta pela sobrevivência e crianças que exigem atenção especial. Aliás, cada criança é um ser único que merece uma condução diferenciada. Percebo então que uma maneira de dar um colorido a este cotidiano, muitas vezes cinza e enfadonho é através dos afetos. Quando consigo conquistar meus alunos pela afetividade, sei que muitos caminhos se abrirão em outras direções.

A pedagogia inaciana inspirada nos Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola ressalta a importância do “sentir”, do “saborear”. A educação jesuítica, pretende formar indivíduos na sua integralidade humana, de acordo com os valores evangélicos, vai sempre na direção do bem universal, formando “homens para os demais”, como dizia o padre Pedro Arrupe (KLEIN, 2017).

O Projeto Político Pedagógico do Colégio Antônio Vieira, escola onde atuo como educadora, traz logo em sua apresentação a necessidade de manter um diálogo “fecundo,

criativo e amoroso com a juventude e as famílias” (PPP, p. 6). Fala de uma educação para valores “baseada na dignidade da pessoa humana, concebida no amor...” (PPP, p. 13) Nesse Projeto Político Pedagógico (PPP, 2015), espera-se que os professores sejam “o exemplo vivo” que motivará seus alunos a viver os valores transmitidos.

Já o Projeto Educativo Comum (PEC, 2016), da Rede Jesuíta de Educação, reconhece as dificuldades atuais que o professor enfrenta no seu cotidiano, mas acredita que este possa vencer os obstáculos, pois “o professor é o profissional que propõe o caminho, apresenta o mapa e acompanha os estudantes, indicando critérios para que a apropriação do conhecimento seja feita de maneira significativa e com valor” (PEC, n. 32) Afinal, para formar pessoas competentes, conscientes, compassivas, comprometidas e coerentes (PEC, n. 9, / Art. 5º do Estatuto da RJE), será necessária a segurança e a afetividade dos educadores, que devem assumir, de acordo com a pedagogia inaciona, o papel de companheiros de caminhada de seus alunos, vivenciando, orientando, apontando amorosamente os possíveis caminhos a seguir.

1.1 APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE

“O objeto do verbo ‘educar’ é o coração em sentido bíblico: o eu que pensa, deseja, escolhe, ama e age”.

Pietro Schiavone

Todos têm lembranças dos seus primeiros anos escolares. Lembranças que deixaram marcas profundas na história da vida acadêmica de cada pessoa. No século passado, a formação da maioria dos professores era para reinar em sua sala de aula, com um autoritarismo quase absoluto. Os alunos não tinham vez nem voz. Tinham que obedecer. O professor era um transmissor de conhecimentos técnico, racional e objetivo. Algumas salas de aula, tinham um tablado onde ficava a mesa e a cadeira do mestre. Ali era o seu trono. Os alunos o viam lá de baixo, distante, impessoal. Mas verdadeiros e bons mestres sempre existiram apesar de tudo. Professores que conseguiam despertar em seus alunos um verdadeiro e duradouro desejo de apreender o mundo, instigando sua curiosidade cada vez mais, numa constante postura investigativa. Professores que validavam e valorizavam seus alunos, deixando-os com uma elevada autoestima, acreditando em seu potencial próprio para superar dificuldades. Professores-educadores que conseguiam ver seus alunos em todas as suas dimensões e aspectos culturais, sociais, emocionais.

Assim aconteceu comigo, ao ingressar na escola aos 8 anos de idade. Sonhava poder frequentá-la. Um ano antes minha mãe tentou me matricular na 1ª série, de tanto eu lhe pedir, mas não foi possível por causa da data do meu aniversário. Teria que ter oito anos completos. Burocracias legais. No meu primeiro dia de aula levava na pasta a alegria e muitas expectativas positivas. Nem chorei ao me despedir de minha mãe, o que era comum acontecer em outras crianças. Mas não em mim, tamanho o meu desejo de aprender coisas novas, aprender a decifrar as palavras e ter acesso a leitura dos muitos livros que meu pai comparava e eu só podia desfrutar das gravuras. Mas minha primeira professora foi minando pouco a pouco minha autoestima. Ela era áspera, gritava com todos, suscitando um verdadeiro terror e medo entre os alunos. Um dia me agarrou pelos cabelos, chamando minha atenção porque estava conversando, e eu estava apenas emprestando minha borracha ao colega. Ela afirmava que eu era incapaz de fazer uma letra bonita, por mais que tentasse, e que tinha dificuldade em guardar o som de cada letra. Minhas notas nas provas foram regulares, mas consegui ingressar na 2ª série. A nova professora era muito diferente! Era carinhosa, sorridente, me estimulava e animava quando eu não me saía bem e tinha dificuldades. Fui caprichando nos exercícios de caligrafia, me esforçando para superar os obstáculos. Sentia que minha professora acreditava em mim. Então eu também comecei a acreditar em mim mesma. No final daquele ano tinha um outro perfil de estudante. Naquele tempo os melhores alunos, os que obtinham as notas mais altas, eram premiados com medalhas. No dia da premiação eu sabia que não iria receber medalha alguma, porém estava muito feliz com meu desempenho. Mas qual não foi minha surpresa ao ser chamada para receber uma medalha de honra ao mérito, por ter sido a aluna mais esforçada daquele ano. Quase explodi de alegria. Quanto orgulho ao chegar em casa com a medalha brilhando em meu peito! Nas séries seguintes, sempre recebia as medalhas por estar entre os alunos que obtinham as melhores notas da turma. E assim foi por todo o restante da minha vida escolar.

Henri Wallon (1879-1935), filósofo, médico e psicólogo, criticava os métodos agressivos usados nas escolas da sua época, e também, foi o primeiro teórico a sinalizar a importância da afetividade no desenvolvimento escolar das crianças. Constata que as pessoas trazem, ao nascer, uma bagagem genética com recursos que possibilitam seu desenvolvimento, mas é o ambiente que potencializa estes recursos para o pleno desenvolvimento do ser humano. A criança, ainda bebê, reage aos estímulos que a mãe lhe proporciona: um sorriso acolhedor ou um olhar repressor, podem determinar o desenvolvimento dessa criança.

“Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e

contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage” (WALLON, 1971, p. 262 apud TASSONI, 2000, p. 5).

Wallon atribui às emoções a primeira expressão da afetividade. O corpo reage sem um controle racional, ou seja, há uma profunda ligação entre as emoções e a atividade motora. Ao nascer o bebê apresenta “impulsos” que vão se tornando convincentes, organizados e intencionais, através da comunicação estabelecida com sua mãe, sendo esta conexão marcada pela emoção. Já a afetividade aparece um período mais tardio na evolução da criança, quando surgem os elementos simbólicos, englobando uma gama de sentimentos e emoções. Para Wallon (1978 apud TASSONI, 2000), a afetividade tem um papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo. Através da afetividade estabelece o primeiro vínculo comunicativo simbólico com o mundo, originando a atividade cognitiva e promovendo o seu avanço. Os desejos, as intenções e os motivos é que vão mobilizar a criança na escolha de atividades e objetos. Assim, o conhecimento de mundo vai se concretizando através do sentir, do pensar, do sonhar, do imaginar.

Me pergunto se a minha história de vida seria a mesma, se não tivesse encontrado com aquela professora do 2º ano, que me fez acreditar em mim mesma e descobrir minhas potencialidades. Esta professora me fez recuperar a alegria de ser estudante, o desejo de crescer em sabedoria, me despertou sonhos, que antes dela, nem ousava sonhar.

1.2 O PROFESSOR AMOROSO

Para um professor desempenhar sua função com competência e sucesso, ele tem que estar bem preparado academicamente, a cada dia, a cada aula. Conhecimento e metodologia são muito importantes, por isso tantos anos de estudo e preparo. Mas amor e cuidado são indispensáveis. Amor pelo o que ele está ensinando, amor pelo seu fazer pedagógico e amor pelos seus alunos. Assim, ele contagia seus alunos a amar seus estudos também. O olhar do professor amoroso deve transcender seu aluno, tentar ouvir o que não é dito, enxergar o que não é visível para chegar ao seu “eu” verdadeiro.

Se eu quero toda a sua atenção, tenho que ajudá-los a se ajustarem dentro da minha aula. Como fazer isso? É algo que se aprende, principalmente no trabalho, ao longo de muitos anos. Mas uma coisa é certa: para os meus alunos estarem presentes, eu tenho que estar presente, para toda a classe e para cada indivíduo que nela está, e também tenho que estar presente para a minha matéria, física, intelectual e mentalmente, durante os 55 minutos que durará a minha aula (PENNAC, 2010, p. 105 apud MASSCHELEIN, 2015).

O professor tem que estar por inteiro para sua turma. Tem que participar com alegria pelo o que está ensinado e como está ensinando. Sua alegria envolverá sua turma, que estará motivada a embarcar nas atividades e nos temas que lhe são propostos. O professor desperta o desejo de aprender, depois de impelir seus alunos a desejar, instigando a sua curiosidade, dentro do seu contexto, ajudando-os a superarem obstáculos.

1.3 JUSTIFICATIVA

“Ensinar e aprender são movidos pelo desejo e pela paixão”.

Madalena Freire

Na contemporaneidade há muitas práticas reflexivas a respeito do fazer pedagógico numa perspectiva integradora, que trabalhe o sujeito em todas as suas dimensões. Alguns pais se preocupam, desde as séries iniciais, apenas com a dimensão acadêmica que será trabalhada em seus filhos, munindo-os de conhecimentos que assegurariam sua entrada nos cursos universitários. Privilegiam o racional sobre o emocional. Porém, profissionais da educação olham as práticas pedagógicas sob um novo ângulo, se preocupando não apenas sobre o que ensinar, mas como ensinar, dispondo de práticas que cativem os educandos, tornando-os protagonistas do seu aprendizado. Acredito que o vínculo afetivo entre o professor e seus alunos desencadeie uma motivação a mais, um desejo essencial que turbinde a aprendizagem.

Meu artigo evidencia um exemplo de vivência de práticas afetivas, que influenciaram positivamente na aprendizagem dos alunos, evidenciando um aluno que apresentou uma grande evolução no seu desenvolvimento acadêmico. O argumento desenvolvido é de que é possível construir aprendizagens significativas e duradoras a partir do desejo suscitado pelo professor através do vínculo afetivo entre ele e seus alunos, fazendo crescer neles todo o potencial possível da vida e da alegria. Isso porque ao se sentir amado, valorizado e respeitado, os alunos, principalmente os que têm maiores dificuldades de aprendizagem, experimentando e constatando seu próprio potencial, passam a desejar novas experiências de aprendizado.

1.4 PROBLEMA

“O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor”.

Rubem Alves

O papel do professor, no fazer pedagógico do seu dia a dia, é de pacientemente, tentar ajudar seus alunos a superarem dificuldades e conquistarem novos níveis de aprendizagem e desenvolvimento. Na fase inovadora que a educação se encontra, o professor é ainda muito mais que isso: é um orientador, um monitor, que favorece seus alunos a promoverem com autonomia, descobertas e aprendizagens.

Ao mesmo tempo, a cada ano, aumentam a quantidade de crianças portadoras de necessidades especiais e os professores procuram se qualificar para atender a estas demandas, mas nem sempre conseguem, mesmo com a ajuda de outros profissionais.

Nesse contexto educacional exigente e emergente de outras posturas, como a dimensão afetiva pode tornar-se potência de aprendizagem das crianças nas séries iniciais? Que estratégias utilizar para conquistar uma sala indisciplinada, um aluno rebelde e avesso aos estudos?

1.5 OBJETIVOS

“É porque o homem, enquanto ser objetivo e sensível, é um ser que também sofre, e como é um ser que sente o sofrimento, ele é um ser apaixonado. A paixão é a força essencial do homem que tende energicamente na direção do seu objeto”.

Karl Marx

1.5.1 Objetivo Geral

O objetivo deste trabalho é compartilhar e refletir sobre práticas metodológicas amorosas e que despertem o desejo de aprender, o desejo de conhecimento, garantindo assim, o seu desenvolvimento cognitivo e um convívio respeitoso, ético e solidário.

1.5.2 Objetivos Específicos

Verificar a relação professor/aluno em alunos que tenham apresentado dificuldades de aprendizagem ou dificuldades comportamentais; identificar o nível de interesse dos alunos por professores que trabalhem valorizando a dimensão afetiva; reconhecer as prioridades estabelecidas por professores para garantir um bom nível de aprendizagem dos seus alunos; apresentar os motivos que conduzem os alunos com dificuldades de aprendizagem e/ou comportamentais ao sucesso escolar.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor, interpretes de sonhos”.

Rubem Alves

Muitos foram os teóricos que trouxeram suas contribuições e críticas no campo educacional ao longo do tempo. Me chamam a atenção as contribuições de Piaget definindo as etapas do desenvolvimento cognitivo (OSTERMANN, 2011, p. 3e); Ausubel com o conceito de aprendizagens significativas (ibid., p. 34); Vygotsky com o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ibid., p. 41). Porém, como trabalho com crianças na faixa etária de 6 a 8 anos, acredito que são facilitadores da aprendizagem a afetividade e a ludicidade. Nesse aspecto, as contribuições de Rogers (aprendizagens afetivas cognitivas e psicomotora) (ibid., p. 37) e Kelly (aprendizagem “científica” despertando a curiosidade, a criatividade, a construção de hipóteses) com suas teorias humanistas vêm ao encontro das minhas reflexões e fazer pedagógico (ibid., p. 38). Paulo Freire é fantástico ao respeitar e trazer o contexto dos seus alunos para a escola, e a partir daí, desenvolver um plano de ação pedagógica, despertando em seus educandos uma leitura crítica do mundo (FREIRE, 1987). Todos eles inspiram meu fazer pedagógico e meu desejo de contribuir positivamente na formação de meus alunos. Rubem Alves diz que guardamos na memória o que é objeto do desejo e nos proporciona prazer e alegria (ALVES, 2005a). Fazer da minha sala de aula um espaço de aprendizagens significativas, falando uma linguagem afetiva, proporcionando a construção de conhecimentos, de mundo ou pessoais, com alegria e ludicidade, são meus desafios diários. O médico e filósofo colombiano Luís Carlos Restrepo, em seu livro *El derecho a la ternura* (O direito à ternura) afirma a importância da afetividade, de uma experiência prazerosa para o cérebro abrir novos caminhos, “*deslocar as fronteiras dentro das quais foi aprisionado nosso sistema de conhecimento*” (ASSMANN, 1998, pp. 30-31). Os recursos tecnológicos, podem ser um facilitador, abrindo novos caminhos de comunicação e trocas com os meus alunos, pois também eu tenho muito o que aprender com eles. Nesse processo diário acredito que aconteçam as aprendizagens.

3 METODOLOGIA

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

Paulo Freire

Diante o que já foi exposto, a metodologia por mim utilizada é o estudo de caso, no qual os procedimentos adotados visam atingir os objetivos propostos neste trabalho. No meu caso, o objeto de estudo girará em torno de um relato de experiência e vivências, com um aluno com sérios comprometimentos cognitivos e neurológicos. Essa criança não conseguia obter avanços tanto no aspecto comportamental como no cognitivo, ou seja, sua socialização era muito comprometida e não obtinha quase nenhum progresso no processo de alfabetização. Farei uma narrativa do percurso, estratégias, atividades e recursos, por mim utilizados, para obter o desenvolvimento desse aluno.

3.1 AFETOS E CONQUISTAS – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

De um século para outro, muitos caminhos foram percorridos, muitos diálogos abertos, paradigmas foram quebrados.

Num mundo de tantas incertezas e transformações, onde tudo flui com incrível rapidez, é cada vez mais desafiador ser professor. Uma infinidade de indagações emerge das minhas reflexões: quem de fato são essas crianças que estou ajudando a educar? Qual é o contexto social e familiar que essas crianças estão inseridas? Até que ponto estou contribuindo para a formação desses indivíduos como pessoas que no futuro irão contribuir para a transformação social, principalmente num país tão carente de melhorias como o nosso? Em quais pontos devo avançar e em quais devo recuar ou esperar pacientemente?

No universo de uma sala de aula convergem vários contextos familiares e as crianças são frutos desse contexto. Na minha experiência, como professora regente de uma turma do 2º ano do Curso Fundamental I, observo como alguns pais, chegam inseguros, imaturos, trazendo uma gama de incertezas camufladas por uma bateria de informações que as mídias e tecnologias lhes proporcionam. Sem nenhuma formação pedagógica, querem opinar, interferir e fazer exigências

que não são de sua alçada e competência. Famílias que apresentam relações conflitantes e conflituosas. Pais com um sentimento de culpa por não dispor do tempo necessário para estar com seus filhos, deixando-os a cargo de terceiros, e que querem suprir essa ausência estendendo limites e valores. Na contemporaneidade, a subjetividade torna tudo possível, tudo relativo, intermediado pelas tecnologias, e alguns pais têm grande dificuldade em negar algo aos seus filhos e não admitem que os outros o façam, gerando crianças que não suportam a mínima contrariedade ou frustração. Não há certeza, não há forma, não há consistência de nada, a não ser do grande amor e bem querer que têm por seus filhos. Esse é realmente um denominador comum: os pais querem o melhor para seus filhos (melhor escola, melhores professores, melhores mochilas etc.). Mas não conseguem responder essa pergunta: o que é mesmo o melhor? Famílias desestruturadas, reagrupadas, com novos formatos. Famílias a quem proponho um diálogo respeitoso e uma parceria, onde cada um ocupe o papel que lhe é devido.

Chegando na escola essas crianças trazem toda essa bagagem social e emocional. O que fazer com elas? Como professora, de que maneira posso ajudá-las a se descobrir como uma pessoa participante e pulsante?

“O desejo, que é fábrica, potência, alegria, é fundamental para aprender, para pensar, criar, construir, enfrentar os poderes, as dificuldades da vida, movimentar, deixar passar algo, produzir, viver“. (PARAÍSO, 2009).

A aprendizagem pode acontecer em qualquer momento, em qualquer espaço. Em casa, na escola, na pracinha, em uma cozinha, em um jardim, no cinema. Qualquer lugar pode ser lugar de aprendizagem, de transformação do indivíduo. Cada pessoa, cada criança é única, merecedora de todo o respeito e traz consigo, em sua bagagem existencial, uma gama de valores e saberes já apreendidos no seu viver cotidiano, na relação com o outro, mediados pelas circunstâncias e contextos em que vive. Acredito na educação que desenvolve no sujeito da aprendizagem a autonomia, a responsabilidade e a solidariedade.

É o que constatei em Pedro (nome fictício). Pedro chegou ao 2º. Ano do Fundamental I, com muitas resistências e alguns retrocessos. Tudo era novo para ele: o espaço físico, alguns coleguinhas e a professora. A mãe relatou que ele não queria vir à escola de jeito nenhum. Foi um novo período de adaptação e conquistas. Pedro reagia sem querer entrar na sala e quando entrava era muito trabalhoso. Não sentava, ficava rolando pelo chão, deitava, enfiava-se embaixo da mesa, colocava a cabeça dentro da mochila. Às vezes falava mais alto ou até mesmo gritava, chegando a assustar os novos colegas. Os antigos, não faziam caso desse comportamento e até procuravam ajudar. Queria sempre estar fora da sala de aula, arrumando

sempre um motivo como ir ao banheiro ou beber água. Queria ver a mãe e ficar com ela. Era muito resistente e foi preciso muito carinho e paciência para ir conquistando sua confiança.

Pedro era uma criança simpática e muito carinhosa. Gostava de abraços e ficava muito feliz quando era elogiado, mas apresentava uma fala confusa e desorganizada. Inicialmente, o que o entretinha era desenhar. Fazia rabiscos coloridos, e com entusiasmo, dizia que eram super-heróis (Apêndice 1). Eu me tornava próxima elogiando seus rabiscos, me interessando e perguntando qual super-herói ele havia desenhado. Assim, comecei a dialogar com ele. Paulo Freire me inspirava a trazer o que era significativo para esse aluno e assim ir traçando um fazer pedagógico que lhe despertasse gosto e o interesse.

“... o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos ...” (FREIRE, 1987, p. 68)

Era sempre compulsivo e fantasioso na hora de falar, me parecendo uma necessidade de chamar atenção. Na atividade diagnóstica, aplicada logo no início das aulas, mal conseguiu escrever seu nome no cabeçalho. Identificava apenas algumas vogais. O seu grande entretenimento era seu estojo escolar. Este roubava toda sua atenção, que brincava e falava com seus materiais. Em uma atividade de contagem coloquei 10 tampinhas de garrafa pet e pedi que ele contasse quantas havia. Sua contagem era 1,2,3. Depois tornava a repetir, 1,2,3. Assim fez e no final afirmou haver 3 tampinhas. Quando o questionei se todas aquelas tampinhas eram somente 3, ele ficou pensativo. Então fiz a contagem com ele até 10, mas percebi que ficou confuso. Certa vez, ele brincava de empilhar algumas borrachas. Parecia ausente e distante. Então ele olhou para mim e disse: “Quatro unidades”. Me surpreendi, pois de fato havia quatro borrachas empilhadas. Na escrita, em outra ocasião, pediu que o ensinasse a escrever a palavra “pai”. Tentei soletrar, mas ele não conseguia escrever as letras que ditava, até que finalmente escrevi no quadro e ele fez a cópia da palavra.

Posteriormente, sua mãe apresentou a conclusão da avaliação, realizada no Hospital das Clínicas pela psicóloga que o acompanhava, evidenciando-se que Pedro “apresenta nível intelectual dentro da média e comprometimento principalmente na atenção/funções executivas, aspectos espaciais e sensório motores, bem como na consciência fonológica, os quais comprometem a aquisição do aprendizado escolar. A discrepância entre resposta intelectual e aprendizado sugerem a presença de Transtorno Específico do Aprendizado da Leitura/Escrita e Matemática, agravado pelo déficit na atenção e funções executivas. A escrita é comprometida

pela dificuldade grafomotora. Revela dificuldade significativa na produção escrita. A imaturidade perceptomotora sugere a presença de disgrafia”.

Diante desta avaliação, comecei a fazer atividades diferenciadas para atender as demandas de Pedro (Apêndices 2 e 3). Eram atividades alfabetizadoras, mas com o mesmo tema que era trabalhado com o restante da turma. Em matemática as atividades eram referentes ao de pré-escolar (Apêndice 4).

Aos poucos fui percebendo um crescimento na autonomia de Pedro. Antes chegava a chorar e dizia que não conseguia arrumar sua mochila. Depois o fazia sem resistências, embora com alguma ajuda. Como tinha um bom relacionamento com os colegas, se sentia acolhido. Já não apresentava comportamentos como andar pela sala ou se jogar no chão. Era muito carinhoso e conquistador.

A parceria família/escola, além dos acompanhamentos especializados, foram indispensáveis para Pedro avançar e crescer. Pequenos passos diários foram necessários para garantir novos desafios e novas conquistas. Atitudes que garantissem sua autoestima, validava com elogios a cada tentativa de acerto, bem sucedido ou não. A escola não podia e não devia ser um peso para ele, mas sim um lugar em que se sentisse seguro e feliz. Em alguns momentos saía para brincar, jogar jogos que eu mesma construía como, juntar sílabas e imagens coladas em caixas de fósforo, brincar de bingo com as letras do alfabeto, atividades divertidas que o estimulassem a refletir sobre a construção das palavras, ou mesmo contar uma história que nos aproximasse. Assim fomos criando laços de amizade e construindo aprendizagens.

No meio do ano letivo, Pedro apresentou alguns avanços na leitura e escrita. Avanços festejados por ele mesmo, que anunciava para todos: “ – Eu já sei ler! Eu já sei ler!”. Lia palavras sem maiores dificuldades fonêmicas. Já conseguia copiar a agenda escolar do quadro com autonomia. E um grande avanço, foi conseguir fazer algumas atividades do livro didático de língua portuguesa. Aliás, o único que usou durante o ano, pois os outros livros eram completamente inadequados para o nível em que Pedro se encontrava.

Em minhas pesquisas e leituras encontrei um material muito interessante da Revista Nova Escola, Blog Tecnologia na Educação, uma matéria de Débora Garofalo, sobre como o uso das novas tecnologias ajudavam na alfabetização (GAROFALO, 2018), despertando o interesse, desenvolvendo a concentração e o raciocínio lógico. Preparei algumas atividades, referentes à alfabetização (Apêndice 5), para que as realizasse no computador. Ele ficava muito interessado. Sua concentração era total. Depois queria brincar de jogos. Atendia seu pedido com jogos educativos, da Plataforma Pé de Vento, disponível no Educopédia (2018) e ele se entretinha muito feliz. Mas depois foi perdendo o interesse e não queria nem chegar perto do

computador. Adorava ler revistinhas, principalmente as de Maurício de Sousa. Ficava entretido por um bom tempo folheando uma revistinha, observando as imagens com muita atenção. Então, comecei a investir mais nas revistinhas em quadrinhos. Pedi a cada criança que trouxesse de casa uma revista da “Turma da Mônica” para ficar na estante de livros da sala. Pedro adorou a novidade e sempre tinha uma revista em mãos. Aliás, com Pedro, descobri o significado da frase “o caminho se faz ao caminhar”. E assim prosseguíamos.

Em matemática Pedro teve maiores dificuldades e poucos avanços, pois não conseguia conservar quantidades maiores que dez. No aspecto comportamental, oscilava muito. Havia dias em que estava mais centrado, gostando de contribuir na aula, oferecendo seus comentários, muito embora estes comentários nem sempre fossem pertinentes. Outras vezes, estava agitado, queria sair da sala, ou tentava enfiar sua cabeça dentro da mochila, não aceitava nenhuma proposta, chorava e fazia birra. Precisava ser firme com ele. Em outros momentos, caía num sono profundo até o término da aula. Mas, no geral, sempre tinha um abraço e um sorriso para compartilhar.

No final do ano letivo, Pedro fazia o uso da linguagem para comunicar-se, expressar ideias e emitir opiniões (ele sempre queria dar a sua opinião sobre tudo), apesar das incoerências; sabia elaborar perguntas e respostas de acordo com o contexto; fazia a prática da escrita do próprio punho utilizando somente a letra bastão, não reconhecendo o uso das letras cursivas, utilizando o conhecimento que dispunha quanto ao sistema de escrita; identificava letras e sílabas que compunham palavras contextualizadas (Apêndice 6); participava, então, da leitura coletiva em turma, ainda que sua leitura não fosse fluente, ele se sentia muito feliz, empoderado de si mesmo, valorizado e integrado com os colegas. Na área de língua portuguesa houve grandes avanços. Em ciências humanas e naturais ainda não conseguia dar conta da gama de conhecimentos desta área que faziam parte do seu dia a dia, como as ruas, bairros, serviços essenciais, etc. Em matemática houve poucos avanços. Seus desenhos de super-heróis ainda não eram identificáveis. Na área sócio-afetiva, evoluiu muito, apresentando um comportamento mais centrado, mais interativo com os colegas de sala, apesar de continuar oscilando seu humor. Às vezes, chegava alegre, outras gostava de isolar-se e não aceitava a proposta do momento. Às vezes não tolerava frustrações, chegando a chorar e ficar muito zangado quando contrariado. Pedro também tinha dificuldade em aceitar a rotina, não queria copiar a agenda, e precisava da minha motivação para fazer suas atividades. Na área psicomotora ainda apresentava certa dificuldade no domínio e conhecimento de seu próprio corpo. Fazia movimentos bruscos e desconexos. Aconteceram algumas vezes de não controlar a micção.

No último dia de atividade na biblioteca, Pedro começou a ler um poema que estava em um cartaz, surpreendendo a todos, com uma alegria e felicidade genuínas.

Pedro experimentou sua própria capacidade de aprender. E essa experiência foi extremamente gratificante, despertando o desejo de experimentar novas experiências e conquistas. Quanta tristeza pensar que nem todas as crianças, como Pedro, tiveram oportunidade de provar o sabor da vitória do saber. Quantas crianças são rotuladas de incapazes e passavam a vida na escola, simplesmente marcando presença, sem alegria, sem aproveitamento pedagógico? A presença de um professor amoroso num convívio de respeito e aceitação, despertará o desejo de alcançar vários horizontes e trará transformações positivas e duradouras na vida dessas crianças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”.

Paulo Freire

Inácio de Loyola foi o místico dos sentidos, dos afetos, da procura incessante do que promove a dignidade do ser humano e do bem universal, do muito saborear, que conduz a um vínculo afetivo espiritual. A pedagogia inaciana, na qual estou inserida há vinte e três anos, é a pedagogia do “sentir” e do “saborear”, norteadas pelos pilares do contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação, em um contínuo movimento reflexivo. “O objeto do verbo educar é o coração em sentido bíblico: o eu que pensa, deseja, escolhe, ama e age” (SCHIAVONE, 2009, p. 30). A educação que promove o sujeito a sua plenitude existencial e que vai de encontro ao outro, à medida em que nos dispomos a edificar o outro, encontramos nossa completude. Sou muito grata por tudo o que aprendi nesta itinerância.

Espero, agora, poder contribuir com colegas da área de educação, objetivando uma reflexão séria e empolgante do fazer pedagógico, estando totalmente implicado com seu trabalho e com seus alunos, com a disciplina que está ensinando. O ambiente pedagógico tem que ser um lugar de prazer e de alegria, de encantamento e criatividade, de ternura e acolhimento, principalmente frente a diversidade com que nos deparamos na atualidade. “O mundo é para ser brincado” (ALVES, 2005a). O educador que ensina com alegria e afetividade, faz seus educandos experimentarem e sentirem o sabor do saber. Conduzem ao conhecimento mansamente, contagiando seus alunos com sua alegria. Educar, *e-ducere*, tirar de dentro, trazer para fora aquilo que se tem, aperfeiçoando dons e talentos.

Paulo Freire dizia que sempre tinha muito a aprender, escutar, dialogar com seus alunos (FREIRE, 1987).

Em um vídeo disponível na internet, numa entrevista, Daniel Pennac relata que foi um dos piores alunos da sua escola porque tinha medo de responder as perguntas que os adultos lhe faziam. Estudantes, professores e pais, relata Pennac (2018), também têm medo de não serem bem-sucedidos em seus respectivos papéis. Aconselha, então, que todos sejam envolvidos em projetos comuns, estimulando os alunos amorosamente, a terem confiança em si mesmos. Ao professor cabe perceber o direcionamento que dará a cada aluno, a partir de suas potencialidades. Conta então, que um professor o salvou, o transformou por acreditar que ele

seria capaz de escrever um romance. E assim ele começou a se descobrir, a desenvolver suas habilidades e tornou-se professor e um romancista de renome. Destaca que, como professor/educador, deve ensinar não apenas a ler, a contar, mas principalmente, aprender a pensar, a refletir. Afirma que o amor faz com que sejamos mais inteligentes.

As dificuldades enfrentadas diariamente pelo professor nas salas de aula, não podem ser maiores que a paixão ao ensino, a missão de educar, de ensinar seus alunos a encontrar alegria e prazer na escola. Rubem Alves afirma que “a capacidade de sentir prazer não é um dom natural, precisa ser ensinada” (ALVES, 2005b). Competência acadêmica aliada à afetividade, terão como consequência o melhor desempenho de seus alunos. Nesses tempos inovadores, o aluno deverá ser o protagonista de sua aprendizagem, ele será bem-sucedido se tiver um professor/orientador que lhe dê o cuidado necessário através de pequenos gestos, ou que o deixe perceber o quanto ele é importante através do seu olhar, do seu modo de falar e de escutar, conquistando sua confiança tão necessária para se lançar nessa aventura da conquista do saber. Um professor *amateur* (MASSCHELEIN, 2015, p. 78) é o professor que ama o que faz, ama o que ensina, ama sua sala de aula e ama cada um dos seus alunos de modo particular. Ama se fazendo presente por inteiro. Um professor *amateur* está sempre em busca de se superar, de ser *magis*. É um professor que se inspira e se envolve amorosamente com seus alunos, oferecendo a cada um sempre uma nova oportunidade de crescer, de compartilhamento do mundo, minimizando as diferenças, promovendo a inclusão de todos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 9ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005a.

_____, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**: (+ qualidade total na educação). 8 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005b.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: Rumo à sociedade aprendente. 5 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

EDUCOPÉDIA. **Pé de vento**. Disponível em: <<http://pedevento1.educopeia.com.br>>. Acessado em 20 jul. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAROFALO, Débora. **Como as tecnologias contribuem para o processo de alfabetização**. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/4854/blog-tecnologia-como-as-tecnologias-contribuem-para-o-processo-de-alfabetizacao>>. Publicado em 07 mar. 2018. Acessado em 15 ago. 2018.

HOFFMAN, Jéssica Fernanda de Andrade; ROCHA, Douglas Diego Palmeira; RODRIGUES, Paula Margherita Maria de Oliveira. **As contribuições de Paulo Freire para a educação popular no contexto da globalização**. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3447/1/FPF_PTPF_01_0429.pdf>. Acessado em 18 jun. 2018.

KLEIN, Luiz Fernando. **A pedagogia inaciana e a sua força impulsionadora**: os Exercícios Espirituais. Disponível em: <https://www.colegiopedroarrupe.pt/folder/galeria/ficheiro/10_PI_EE_LFKlein_1nq3sekg9f.pdf>. Acesso em 22 nov. 2017.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Marten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Tradução Cristina Antunes. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

OSTERMANN, Fernanda; CAVALCANTI, Cláudio José Holanda. **Teorias de Aprendizagem**. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2011.

PARÁISO, Marlucy Alves. Currículo, desejo e experiência. **Educação & Realidade**. n. 34(2): pp. 277-293. mai/ago 2009.

PEC, REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **PEC – Projeto Educativo Comum**. Salvador: Ed. Loyola, 2016.

PENNAC, Daniel. **Daniel Pennac (romancista e professor) / Conselhos**. Vídeo do YouTube. Publicado por Ana Rosemberg em 30 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RMH2snBmkaA>>. Acessado em 30 mai. 2018.

PPP, COLÉGIO ANTÔNIO VIEIRA. **PPP – Projeto Político Pedagógico**. Salvador: Rede Jesuíta de Educação, 2015.

SALLA, FERNANDA. **O conceito de afetividade de Henri Wallon**. Site Nova Escola. Publicado em 01 out. 2011. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon>>. Acesso em 20 jul. 2018.

SCHIAVONE, Pietro. **Quem pode viver sem afetos?** São Paulo: Edições Loyola, 2009.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. **ANPED**: 23ª Reunião Anual. 24 a 28 de setembro de 2000. Caxambu, MG: Universidade Estadual de Campinas. Disponível em <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/2019t.pdf>>. Acesso em 20 jul. 2018.

APÊNDICE 1 – Atividade realizada no início do ano letivo

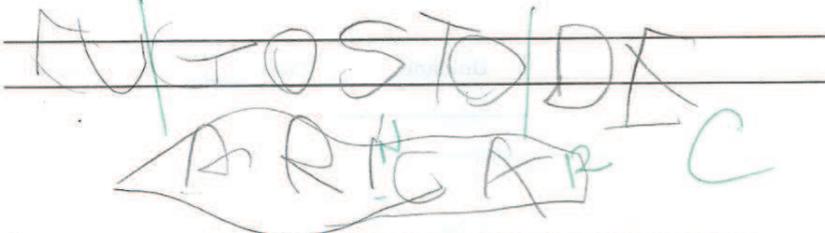


Colégio
Antônio Vieira

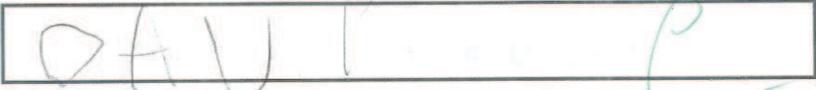


Rede Jesuíta
de Educação

1. O que você mais gosta de fazer na escola?



2. Escreva o nome de um(a) colega que você conheceu na escola.



3. Desenhe o espaço da escola que você mais gosta. Não esqueça de colorir!





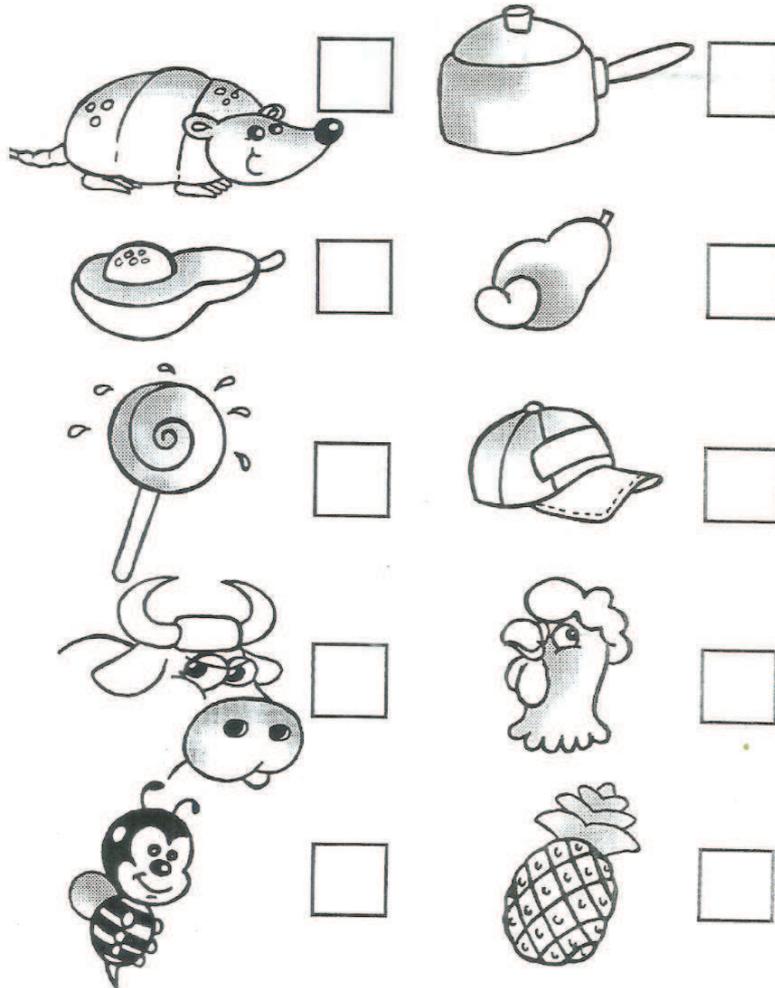
Fonte: Acervo da autora.

Imagens disponíveis em: <<https://urucumdigital.com/2014/04/07/cuerdas/>>.

APÊNDICE 2 – Atividade alfabetizadora

ATIVIDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA

1. ESCREVA A VOGAL QUE TERMINA O NOME DE CADA FIGURA.

FONTE: <http://ensinar-aprender.com.br/2011/05/atividades-para-alfabetizar.html>

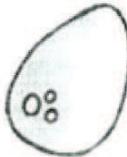
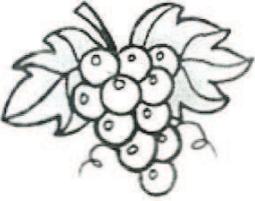
Fonte: Acervo da autora.

APÊNDICE 3 – Atividade alfabetizadora

ATIVIDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA

1. COMPLETE AS PALAVRAS COM AS VOGAIS.



BACAXI	LEFANTE	NDIO
VO	VA	LHOS
RSO	VIÃO	STRELA

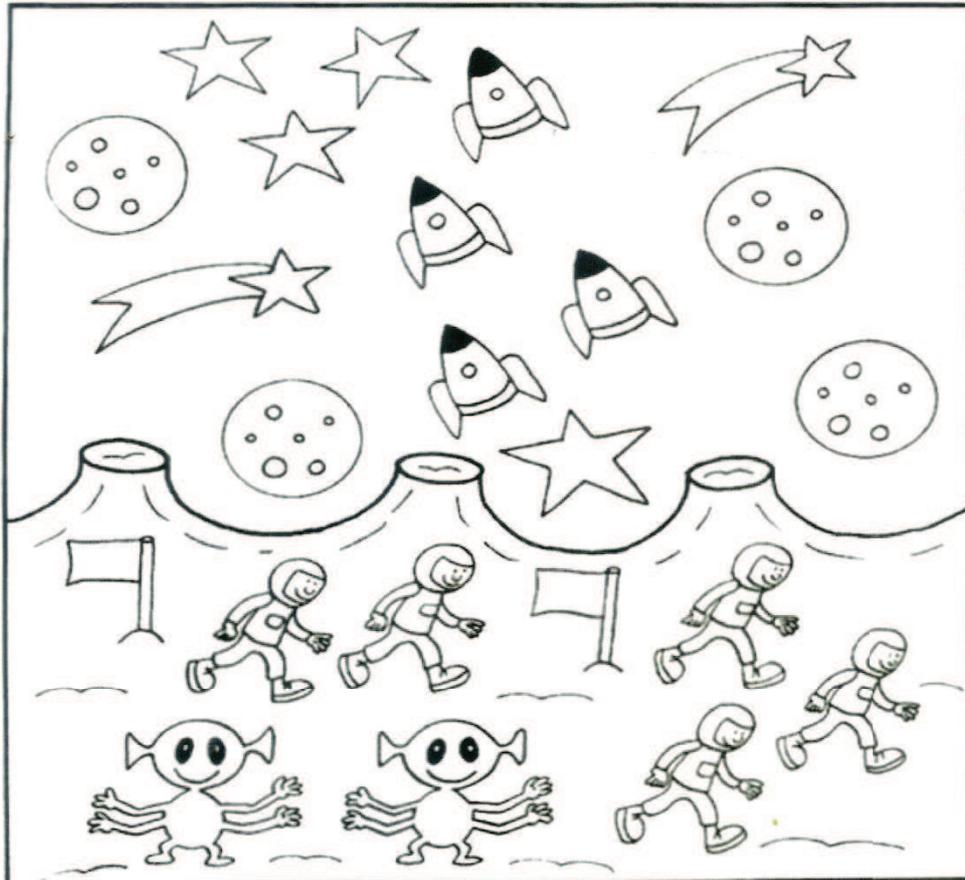
FONTE: <http://ensinar-aprender.com.br/2011/05/atividades-para-alfabetizar.html>

Fonte: Acervo da autora.

APÊNDICE 4 – Atividade de contagem

ATIVIDADE DE MATEMÁTICA

1. CONTE QUANTOS ELEMENTOS IGUAIS EXISTEM NESTA CENA E REGISTRE.



FONTE: <http://www.educalunos.com.br/2015/09/atividades-de-matematica-1-ano.html>

Fonte: Acervo da autora.

APÊNDICE 5 – Exemplo de atividade que Pedro realizava no computador

ATIVIDADE 2

1. COLOQUE NO QUADRADO AS VOGAIS CORRESPONDENTES A CADA FIGURA.



2. COMPLETE USANDO BA BE BI BO BU. DEPOIS REESCREVA A PALAVRA.

___ ___ CA =



___ ___ LSA =



___ ___ CICLETA =



___ ___ LO =



APÊNDICE 6 – Atividade realizada no II semestre do ano letivo




3. DE ACORDO COM SUAS OBSERVAÇÕES ONDE O COLÉGIO ANTÔNIO VIEIRA ESTÁ LOCALIZADO?

() NO CAMPO

(x) NA CIDADE

4. COM AJUDA DOS SEUS FAMILIARES, PESQUISE E REGISTRE INFORMAÇÕES QUE INDIQUEM ONDE SUA ESCOLA ESTÁ LOCALIZADA.

CIDADE: SALVADOR

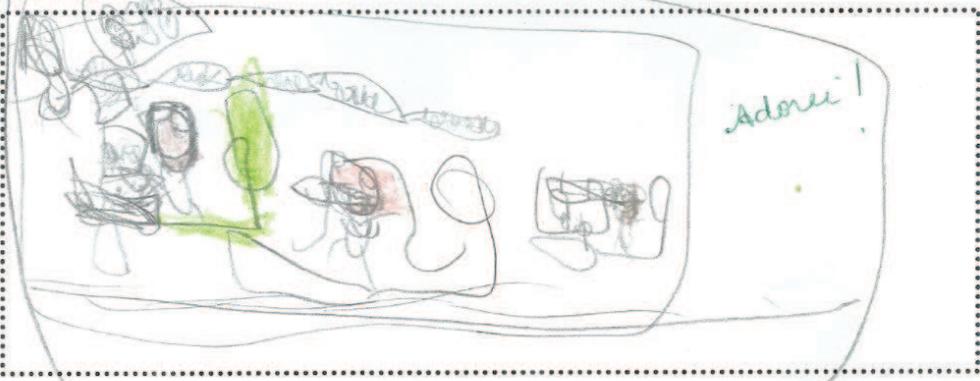
BAIRRO: GARCIA

VOCÊ SABIA QUE OS GRUPOS INDÍGENAS TAMBÉM FREQUENTAM ESCOLAS EM SUA ALDEIA? OS PROFESSORES SÃO OS ÍNDIOS QUE VIVEM NA COMUNIDADE. LÁ ELES APRENDEM A LÍNGUA PORTUGUESA, A LÍNGUA DA TRIBO E A CULTURA DE SEU POVO.

5. E VOCÊ, O QUE APRENDE NA SUA ESCOLA?

APRENDO A LER ESCRIVER
FALAR EM INGLÊS
COMPUTADOR
ARTE
JOGOS

6. REPRESENTA A SUA ESCOLA ATRAVÉS DE DESENHO. CAPRICHE E NÃO SE ESQUEÇA DE COLORIR!



RELEIA SUA ATIVIDADE!

FONTES: COLEÇÃO CONHECER E CRESCER – HISTÓRIA E GEOGRAFIA – 1ª SÉRIE ESCALA EDUCACIONAL. 2006.
 HTTP://MAPIO.NET/S/30389491/, ACESSO EM 06/07/06.
 HTTP://INACIO.COM.BR/2014/03/DILMA-SANCIONA-LEI-QUE-DIFICULTA-FECHAMENTO-DE-ESCOLAS-RURAIS/, ACESSO EM 06/07/16.

2

Rose - C12v14716d-RJ 14/07/16